

## Do Zapatismo à Ação Global dos Povos: Arte e política na Ocupação Kasa Invisível

**From Zapatismo to the Global Action of the People's: Art and Politics in the Kasa Invisible Occupation**

ANDRE LUIZ GOMES E SILVA

Universidade Federal de São João del-Rei, UFSJ - Brasil

### RESUMO

A Kasa Invisível é uma ocupação urbana localizada na região central de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. A ocupação abriga um centro social, um espaço para moradia e dá espaço também para projetos cooperativos de geração de renda. Nesse artigo, abordaremos movimentos sociais que são referência para a origem da Kasa Invisível e também as experiências que a antecederam na cidade de Belo Horizonte. Nos interessa o caráter artístico e performático desses movimentos anteriores a Kasa, para analisar os atravessamentos artísticos que ocupam e ocuparam a dita ocupação ao longo de seus anos de existência. O objetivo deste estudo é contribuir com o entendimento sobre como a arte pode habitar e contribuir com espaços, territórios e coletividades, abrindo também outras possibilidades de relação com a política e com o mundo.

### PALAVRAS-CHAVE

Arte, Ocupação Urbana, Política, Autonomismo.

### ABSTRACT

Kasa Invisível is an urban occupation located in the central region of Belo Horizonte, the capital of Minas Gerais. The occupation houses a social center, a living space, and also provides space for cooperative income-generating projects. In this article, we will address social movements that are a reference for the origin of Kasa Invisível, as well as the experiences that preceded it in the city of Belo Horizonte. We are interested in the artistic and performative character of these movements prior to Kasa, in order to analyze the artistic intersections that occupy and have occupied said occupation throughout its years of existence. The objective of this study is to contribute to the understanding of how art can inhabit and contribute to spaces, territories, and collectivities, also opening up other possibilities of relationship with politics and the world.

### KEYWORDS

Art, Urban Occupation, Politics, Autonomism.

## Introdução

Nesse artigo, falaremos sobre a ocupação Kasa Invisível, analisando movimentos que foram referência para o coletivo que ocupa os imóveis e às experiências que a antecederam na cidade de Belo Horizonte, para analisar os atravessamentos de manifestações artísticas que ocupam e ocuparam a Kasa ao longo de seus anos de existência.

A Kasa Invisível é um projeto fundado a partir da ocupação de três imóveis que se encontravam abandonados há mais de uma década na região central de BH e funciona como centro social e cultural, além de espaço de moradia e de atuação de

cooperativas de geração de renda. A ocupação aconteceu no ano de 2013 e foi realizada por pessoas advindas de movimentos sociais e artísticos, que já atuavam em atividades atravessadas com temas como arte, ação-direta, educação e pensamento político, na cidade de Belo Horizonte e em também em outras cidades e regiões do país.

Parte importante dessas pessoas se formou politicamente a partir da cena punk e anarquista da cidade, ativa a partir da década de 90 até meados dos anos 2000.

### **Sobre a cena libertária belorizontina anterior a Kasa Invisível**

O final dos anos 90 e início dos anos 2000 foi um período importante de difusão de práticas e discussões pautadas na idéia de ação direta, influenciando um grande número de pessoas, fomentando uma cena que passa a desenvolver projetos políticos, artísticos e culturais na cidade.

Dessa cena nasceram festivais, bandas, publicações caseiras e toda uma diversidade de produções, à partir da lógica FAÇA-VOCÊ-MESMO, o que aproximou a experiência de organização autônoma e movimento político a um grande número de jovens de diversas regiões da cidade.

Na década de 2000, a cidade viu o florescer de coletivos, como o Coletivo Acráticos Propostas, o Centro de Mídia Independente e outros, que traziam outras inspirações de outras partes do mundo, ampliando o universo de referências para essa juventude da cidade.

### **Dos zapatistas aos Dias de Ação Global**

Uma das inspirações relevantes para essa geração de jovens, vinha do levante realizado por indígenas mexicanos, a partir do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) no ano de 1994. O levante foi marcante para diversos movimentos populares ao redor do mundo e marca um renascer da luta anticapitalista com características novas (FILHO, 2017), distintas das estratégias e formas de organização e comunicação tradicionais de movimentos e partidos esquerdistas.

O zapatismo trouxe inovações no campo organizacional, ganhando grande visibilidade e atraindo apoio, não só da sociedade civil mexicana, mas de movimentos de vários outros países. Por inovações podemos citar, por exemplo, a experimentação de práticas de autogoverno e democracia direta; a organização a partir de princípios de horizontalidade e autonomia; a busca de desenvolvimento de estruturas autônomas de auto-organização e de satisfação de necessidades comunitárias(OLIVEIRA, 2012) e experimentaram intensa o uso da arte, enquanto ferramenta política (FILHO, 2017).

A forma poética (e muitas vezes bem-humorada) com que, por exemplo, se comunicam contribui para o rompimento das barreiras comunicativas e de censura a que são submetidos, ganhando corações e mentes ao redor do mundo, gerando impacto inclusive no mundo literário. Lançam mão, no campo das letras, da escrita de manifestos, poemas, contos, lendas e da criação de personagens, misturados a fatos históricos (FILHO, 2017).

O uso de máscaras “pasamontañas” foi adotado enquanto ferramenta política, e não só por questões de segurança. As máscaras, escondendo o rosto e valorizando o olhar, transformaram a imagem do indígena mexicano em um instrumento de luta e têm contribuído com a circulação dessas imagens, transformando-as em ícone dos movimentos locais e até mesmo de movimentos sociais ao redor do mundo (FILHO, 2017).

No ano de 1996, os zapatistas realizaram a convocação para o Primeiro Encontro Intergaláctico pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, reunindo, no território, diversos movimentos que lutavam contra a globalização neoliberal em seus próprios contextos e territórios. Participaram desses encontros movimentos indígenas e camponeses da América Latina, como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e o EZLN, grupos autonomistas europeus, membros de ocupações, feministas, defensores de direitos de homossexuais, ONGs e partidos e organizações tradicionais da esquerda, como o Partido dos Trabalhadores (PT), do Brasil, o Partido Comunista Francês e outros (FIUZA, 2017).

Mais de três mil pessoas de todos os continentes se reuniram para discutir a resistência global contra o capitalismo e contra o neoliberalismo e pensar formas de organização e articulação da luta a nível global. A proposta ganhou mais contorno no Segundo Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, em 1997, na Espanha. Um ano depois, nasceu a Ação Global dos Povos, ou AGP.

Paralelamente aos Encontros Pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, de forma articulada, vários outros encontros também estavam acontecendo na Europa e na América do Norte, o que culminou com a criação e o lançamento da AGP, no ano de 1998 (FIUZA, 2017) em Genebra, na Suíça. A AGP foi uma rede de grupos e movimentos sociais que possibilitou a articulação de coletivos, indivíduos e movimentos espalhados por todo o planeta. Por meio da AGP foram convocadas manifestações e bloqueios (LUDD, 2002) que ficaram conhecidas como Dias de Ação Global, no final dos anos 90 e início dos anos 2000.

Os Dias de Ação Global reuniram milhares de pessoas nas mesmas cidades e datas em que ocorreram reuniões de grandes instituições do capitalismo internacional, como o FMI, o Grupo dos 8 (G8) ou o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com o objetivo de deslegitimar essas corporações e o próprio neoliberalismo, buscando impedir a realização dessas reuniões. De forma mais ou menos simultânea, em apoio a essas manifestações “principais”, outras eram realizadas em diversas cidades onde houvesse grupos em sintonia com os princípios da AGP. Devido a essa capilaridade e a esse espalhamento de iniciativas por países de todos os continentes, um dos principais lemas da rede passou a ser *We Are Everywhere* (Nós Estamos Em Todo Lugar, numa tradução livre).

A AGP era articulada a partir de grupos e indivíduos conectados a partir da concordância com uma carta de princípios. Não havia coordenação, estrutura física ou filiação formal. Os grupos, movimentos ou pessoas que concordavam com essa carta de princípios e que se dispusessem a criar articulações, passavam a atender aos chamados da AGP, organizando ações locais. Houveram grupos ligados à AGP no Brasil, e inclusive houve um ato vinculado a um Dia de Ação Global em Belo Horizonte, em 26 de setembro (S-26) de 2000, que coincidiu com uma reunião do Fundo Monetário Internacional em Praga, na República Tcheca.

A Batalha de Seattle, como ficou conhecida a manifestação de 1999 (o N-30), foi convocada para protestar durante a terceira Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC). A ação reuniu dezenas de milhares de pessoas no centro da cidade, onde houve confrontos entre manifestantes e forças policiais, além de bloqueios de avenidas e acessos por meio de diversas táticas, culminando com o impedimento da realização da reunião da OMC. As imagens da manifestação, sua enorme diversidade de táticas e a repressão policial ganharam o mundo através da mídia.

Os atos eram marcados pela festividade, pelo teor artístico e pela carnavalização do protesto. Eram grandes festas e carnavais contra o capitalismo, realizadas em vias públicas, bloqueando o fluxo da cidade. Essa era uma das características herdadas das ações realizadas pelo *Reclaim the Streets* (RTS), uma das organizações presentes na conferência de lançamento, da AGP.

*Reclaim the Streets* foi um movimento de resistência, constantemente linkado à tradição radical, que emergiu do encontro entre múltiplos agentes (como DJs, ativistas anticorporações, ativistas, artistas new age e ecologistas radicais) lutando contra a comodificação das ruas e dos espaços públicos. Inicialmente concebido como um movimento anti-estrada contra a 'motorização' britânica, rapidamente se converteu a questões políticas mais amplas, como a globalização das corporações, anticapitalismo e políticas de espaço público (Klein, 2001; Harvie et al., 2005). (CARMO, 2012, p. 109, tradução nossa).

O RTS já vinha realizando, desde o início dos anos 1990, grandes manifestações carnavalescas, com diversas e criativas táticas de bloqueio, reunindo milhares de pessoas, de diversos setores da sociedade, em diversas cidades da Europa. Abaixo, temos uma descrição, presente no livro *We are Everywhere — The Irresistible Rise of Global Anticapitalism*, sobre o ato realizado no dia 30 de novembro, o N-30, em 1999, que impediu a reunião da OMC em Seattle:

Quando adentramos a cidade, alguma coisa havia mudado. Havia um sopro de vento particular do *Puget Sound*, despoluído de buzinas exaustivas, que eram o normal da cidade. Nós controlamos as ruas, todas elas, e em todas as direções que olhávamos haviam mais e mais de nós, e milhares ainda estavam chegando. Havia pessoas de pernas-de-pau vestidas de borboletas, uma baleia inflável gigante bloqueando o cruzamento, um grupo de Hip Hop rimando em um aparelho de som, um palco sendo construído para funcionar como bloqueio de rua onde shows aconteceriam ao longo de todo o dia, bonecos gigantes, dançarinos de butoh, acrobatas. O som era incrível — o som de baterias ressonando nos arranha-céus, o som do canto e das risadas — sem buzinas, sem barulho de motores. (NOWHERE, 2003, p. 173, tradução nossa).



Figura 1: FLU (2000). Disponível em: <https://artactivism.gn.apc.org/photos/pinkfairy.htm>

A foto acima mostra uma pessoa vestida como algo parecido a uma fada ou a um bailarino, fugindo da polícia e foi tirada em Praga, na República Tcheca, em outro Dia de Ação Global convocado pela AGP em setembro de 2000.

Tais atitudes desafiam interpretações e são muito problemáticas para a polícia controlar, devido a sua inerente ambiguidade. Quando pessoas vestidas de bailarinas, palhaços, enfermeiras e Papais Noéis confrontam a polícia, vestidas como os vilões de seus piores pesadelos, o resultado é inevitavelmente a hesitação e a confusão – nenhum departamento de polícia quer a reputação de ter espancado um batalhão de bailarinas e prendido um trenó cheio de Papais Noéis. (NOWHERE, 2003, p. 173, tradução nossa).

Reinventar formas de resistência foi uma preocupação central dos movimentos participantes dos Dias de Ação Global, críticos às tradicionais formas de protesto e ao mesmo tempo dando corpo a princípios como diversidade, criatividade, descentralização, autonomia e ação direta (NOWHERE, 2003).

Na cena de movimentos rebeldes formada a partir do movimento punk de BH, a inspiração de movimentos como o zapatismo, a AGP e o RTS se desdobrou em ações desenvolvidas ao longo das décadas de 2000 e 2010 na cidade, e que ganha sequência na forma de atuação da ocupação Kasa Invisível.

Desdobramentos da Ação Global dos Povos em terras mineiras - Do Domingo Nove e Meia à Pelada Molotoviana

Inspirados em movimentos como os citados acima, nasce a partir do ano de 2007 o projeto Domingo Nove e Meia - Encontro Libertário (DNM). A proposta era de estabelecer um ponto de encontro mensal para pessoas interessadas em projetos criativos e de inspiração anarquista, ocupando um espaço embaixo do viaduto Santa

Tereza, na região central da cidade. Dividiam espaço nas programações dos encontros rodas de conversa, Feiras Grátis, oficinas e qualquer tipo de proposição que surgisse.

O DNM possibilitava um fazer político direto, descontraído, criativo e radical e estimulava a participação e o envolvimento das pessoas que o frequentavam.

A ideia dos encontros dialogava com a ideia de Zonas Autônomas Temporárias (do inglês, Temporary Autonomous Zone - TAZ), teoria cunhada por Hakim Bey. O autor evita definir o que são as TAZ's, ainda que considere o termo autoexplicativo, lançando ideias, como na citação abaixo:

A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se refazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la. Uma vez que o Estado se preocupa primordialmente com a simulação, e não com a substância, a TAZ pode, em relativa paz e por um bom tempo, 'ocupar' clandestinamente essas áreas e realizar seus propósitos festivos. (BEY, 2001).

A noção de TAZ contribui com o entendimento dos DNM, já que esses abriam a possibilidade de trocas e vivências autônomas e rebeldes por um determinado período de tempo. Proporcionava assim, uma experiência educativa em projetos autônomos, de gestão de um espaço, de produção de situações, ainda que temporárias e de rua.

Os DNM's ocorreram sempre aos primeiros domingos de cada mês e possibilitaram a costura de diversas relações entre pessoas interessadas em se organizar para atuar politicamente. Esse ambiente possibilitou o surgimento de diversos projetos, que passaram a ocorrer em paralelo aos DNM's.

Um desses desdobramentos foi a Pelada Molotoviana de Rua, que foi um campeonato festivo de futebol de rua, realizado em 2009, com o intuito de ser um ponto de encontro e de estreitamento de laços entre coletivos e movimentos sociais rebeldes da cidade, tensionando os grupos no sentido de se criarem novas formas de atuação e de articulação política.

Assim como os DNM's e a Pelada Molotoviana, muitas foram as articulações e projetos que nasceram a partir dos esforço criativo de pessoas, e que eram atravessadas por questões políticas, performáticas e artísticas, possibilitando maneiras diversas de habitar o espaço urbano e de facilitar o envolvimento direto das pessoas.

O futebol, inspirado na Pelada Molotoviana, vai ser retomado pela Kasa Invisível no ano de 2023. Nas celebrações de aniversário de 10 anos da ocupação, foi instalado um equipamento inflável de futebol de sabão, para entreter e possibilitar o jogo entre frequentadores da Kasa.

Outra experimentação atravessada pela performatividade enquanto ferramenta política ocorrida na cidade, e que contou com o envolvimento de vários movimentos e grupos políticos, foi um movimento que ficou amplamente conhecido como PRAIA DA ESTAÇÃO.

O estopim para o surgimento do movimento foi, em 2009, quando o então prefeito da cidade editou um decreto que proibia eventos de “qualquer natureza” na Praça da Estação. A Praça em questão é localizada no hipercentro da cidade e era uma referência para a realização de atividades, manifestações, shows e festivais. O decreto desencadeou um amplo debate sobre privatização do espaço público, acesso à cultura e apropriação da cidade por seus moradores.

O Movimento Praia da Estação surge, então, como uma iniciativa coletiva de questionamento do decreto baixado pelo prefeito, bem como ocupação política/cultural da praça da Estação. Vestidos com trajes de banho e portando pranchas de surf, esteiras, guarda-sol, caixas de isopor, bronzeadores, numa cidade não-banhada pelo mar, os jovens trouxeram à cena pública o debate sobre o uso e apropriação dos espaços públicos da cidade e sobre os próprios rumos do desenvolvimento da urbe, ao mesmo tempo em que ensejaram novas formas de ação coletiva e participação social no cenário urbano. (OLIVEIRA, 2011).

A Praia da Estação, como vemos na imagem abaixo, é um movimento que utiliza da imitação de um cenário de praia, inicialmente utilizando do banho de mangueira de caminhão pipa, mas depois utilizando do banho nas águas da fonte da praça, para mobilizar pessoas, fazendo alusão à idéia de que as praças são importantes espaços de encontro da cidade e que são as “praias” dos mineiros. Com esse jogo, o movimento conseguiu ganhar grande visibilidade, destacando-se também pela forma não-hierárquica, diversa e aberta como se organizou.





Figura 2: Fotografia: Luiz Navarro. Disponível em: <https://pracalivrebh.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/06/praprapraia00005c1.jpg>

Na esteira desse tipo de movimentação, já em 2013, ano de agitação política do país, nasce a ocupação Kasa Invisível.

### **Sobre a Kasa Invisível e como a arte a ocupa**

A ocupação Kasa Invisível, vista na imagem abaixo, é um ponto na linha histórica de diversas experiências de inspiração global, realizadas localmente, a partir do encontro entre criatividade, rebeldia, política radical e arte, tendo todos esses temas se encontrando no cotidiano do espaço e nos projetos que o habitam.

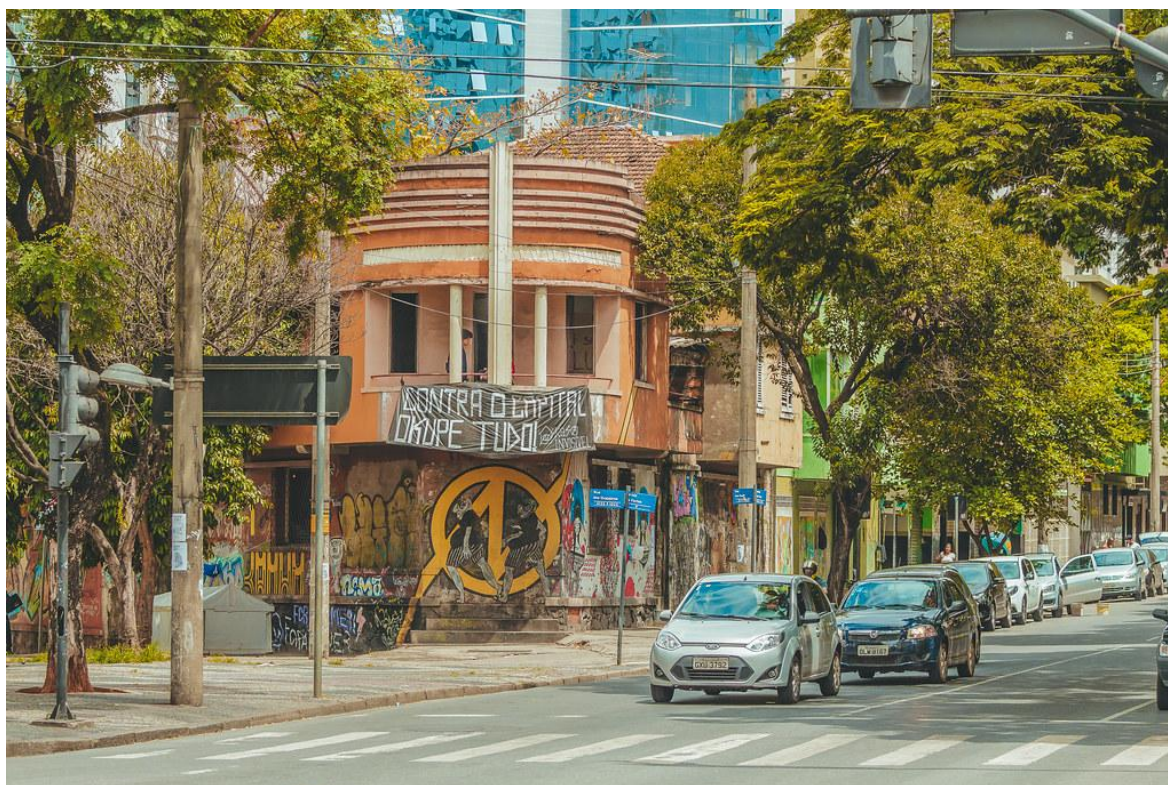


Figura 3: UPSON (2023). Fonte: Arquivo pessoal.

A partir daqui, descreveremos algumas atividades, produções e projetos artísticos ou realizados a partir de linguagens da arte, produzidos pelo coletivo gestor da Kasa Invisível ou por outros proponentes, tendo a Kasa como local de realização ou ponto de articulação.

O intuito de tal abordagem é dar visibilidade a esses projetos a fim de melhor compreender as relações estabelecidas por meio da arte com o coletivo, com o espaço da Kasa e com as redes de pessoas, grupos e projetos em que a Kasa também está inserida.

A Kasa segue ativa até os dias de hoje. Os citados aqui são somente alguns desses, mas que nos pareceram interessantes a partir do tema analisado.

### **Exposição Rua de Despejo**

A exposição de arte Rua de Despejo, proposta por artistas de BH, ocorreu nos dias 15 e 16 de julho de 2022, ocupando a calçada e uma parede do lado exterior da Kasa Invisível.

A exposição dialogou com uma campanha de arrecadação de recursos para uma reforma do telhado da ocupação, em curso naquele momento.

O fato de a exposição acontecer na rua e de as obras permanecerem expostas durante a noite fez com que a distinção entre o que pertencia à mostra e o que fazia parte da rua não fosse clara. A respeito disso, Will, um dos artistas organizadores e expositores, fala, em gravação para o podcast Papo de Okupa, que a Kasa Invisível possibilita esse tipo de experimentalismo, e que o formato da exposição dialoga conceitualmente com as temáticas que ele aborda em sua produção artística.

E eu achei muito válido essa questão de trazer essa arte pra rua. Literalmente, de qualquer pessoa, independente da sua cor, da sua classe, se gosta ou não de arte, vai passar na rua e vai se deparar com aquilo. Porque, digamos que os locais de arte, as grandes galerias, os grandes museus são de certa forma um pouco elitistas. Eles meio que assustam algumas pessoas pra tá frequentando. Essas pessoas se sentem deslocadas, em um não lugar. E o intuito foi trazer essa crítica a esse grande mercado da arte. (PAPO..., 2023a).

Ainda nesse podcast, o artista cita a importância de espaços que não demandem complexos processos burocráticos, ou que lidem com uma linguagem mais acessível em seus processos de organização e de disponibilização do espaço expositivo, de maneira a facilitar a entrada e a sobrevivência de novos artistas no complexo mercado da arte. Will ainda fala da cobrança de espaços “oficiais” da arte (como grandes galerias e instituições) em relação ao comportamento, sobre ter de se portar de maneira distinta, “conversar baixo” e com restrições. O espaço institucional de arte é descrito por Will como “majoritariamente branco, burguês e elitista”.

Em contrapartida, quando ele se refere a espaços alternativos, como a Kasa Invisível, diz serem inclusivos, utilizando inclusive a expressão “reparador social” quando se trata de “arte e de cultura”. Além de tudo, espaços independentes como a Kasa se dispõem de maneira mais flexível e possibilitam maior experimentalismo nas propostas, como o realizado na exposição Rua de Despejo.

Algumas obras foram vendidas durante a exposição, enquanto outras foram deixadas na parede ao final da noite, ainda que correndo o risco de serem roubadas ou danificadas.

O desapego ao objeto artístico, expresso quando as obras inclusive passam a noite na rua ao final do dia de exposição, traz um teor anti artístico à exposição, nos possibilitando traçar paralelos com o pensamento e a crítica, típicos da anti-arte.

## **Exposição Trajetória Autonomista BH**

A exposição Trajetória Autonomista BH — 17 ANOS DE TRAJETÓRIA DOS MOVIMENTOS LIBERTÁRIOS PELAS LENTES DO PALESTINA foi inaugurada em março de 2022, mês de comemoração de aniversário de 9 anos da Kasa. Nela, o fotógrafo e artista Palestina Serra expôs dezenas de fotos tiradas no cotidiano de coletivos, movimentos autônomos e projetos em BH, entre o ano de 2007 e 2022.

As fotos expostas pelo artista ganham apelo emocional porque movimentam lembranças, ideias, afetos, sentimentos e histórias de pessoas ativas na história dos movimentos sociais de Belo Horizonte.

A montagem foi feita em forma de linha do tempo, com fotos e legendas, e contou com a possibilidade de intervenção das pessoas que frequentaram a exposição, no final da linha histórica, num cartaz com a pergunta: “Que futuros são possíveis a partir dessa experiência?”

O encerramento dessa exposição ocorreu no dia 17 de julho e contou com um bate-papo com o fotógrafo e com a participação de pessoas que estiveram próximas aos movimentos representados nas fotos.

Essa oportunidade de reflexão e leitura é típica nas atividades realizadas na Kasa, que sempre se propõem a abrir espaço de reflexão, construção e análise.

### **Produção gráfica de posters e arte digital**

O coletivo da Kasa Invisível tem uma produção gráfica feita por vários de seus atuais e ex - membros, que vão desde desenhos, a pinturas e a arte digital. Nos interessa mencionar a experiência de mobilização em torno a campanha DESPEJO ZERO, da qual o coletivo participou no ano de 2020. A campanha buscava combater os despejos de comunidades e ocupações urbanas, em curso em todo o país naquele período. O coletivo Kasa Invisível contribuiu tanto na organização de manifestações de rua e mobilizando pessoas e organizações, como também produzindo materiais gráficos de divulgação.

Uma das ações realizadas pelo coletivo da Kasa em apoio à campanha foi a convocação, por meio de redes sociais, de artistas e designers para a produção de artes gráficas a favor da campanha. A convocação foi feita em setembro de 2020.

A partir desse chamado, vários artistas visuais de diversos estados do Brasil produziram imagens, publicando-as em suas redes sociais, vinculando-as às



hashtags #despejozero e #kasainvisível. As artes foram replicadas e constam disponíveis nas redes sociais do espaço.

## Conclusão

A ocupação Kasa Invisível é um espaço que é constantemente atravessado por diversos projetos artísticos, utilizando e brincando com linguagens da arte. Para compreender essa relação, buscamos na história de movimentos sociais de outras geografias e também os que antecederam a Kasa na própria cidade de Belo Horizonte, de forma a situar a ocupação enquanto um ponto nessa linha histórica.

Assim como a Kasa Invisível, muitos outros movimentos e projetos receberam essas mesmas influências e desenvolveram suas próprias experiências em outras localidades.

Outros projetos desde o campo da arte e da criatividade seguem acontecendo na Kasa, atravessando questões políticas e cotidianas e merecem atenção aprofundada. Portanto, os projetos citados aqui não representam a totalidade desse tipo de iniciativa, nem na Kasa nem nos demais movimentos da cidade.

De toda forma, acreditamos que os relatos aqui citados podem nos possibilitar refletir não só sobre a arte em espaços ocupados e coletivos, mas também sobre outras formas de habitar a cidade e o território urbano, de envolvente e viva, abrindo inclusive outras possibilidades de relação com o mundo.

## Referências

CARMO, André. **Reclaim the Streets, the protestival and the creative transformation of the city**. Finiserra, Lisboa, Portugal, v. 47, n. 94, p. 103-118, 2012. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finiserra/article/view/2683/2282>. Acesso em: 20 fev 2026.

FILHO, Alexander. **Arte e estética política zapatista: o I Festival CompArte pela Humanidade**. 2017. 16 p. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/35879/pdf>. Acesso em: 20 fev 2026.

FIUZA, Bruno de Matos. BUSTAMANTE, Marcio. **Uma história oral da Ação Global dos Povos: pesquisa ativista a serviço das lutas sociais**. [2018?]. 15 p. Disponível em: [http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524681803\\_ARQUIV](http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524681803_ARQUIV)

[O\\_FIUZA,B.&BUSTAMANTE,M.UmahistoriaoraldaAcaoGlobaldosPovos-pesquisaativi](#) staaservicodaslutassociais.pdf. Acesso em: 20 fev 2026.

FLU, Tendance. **A Tactically Frivolous pink fairy appears to lead the police in an afternoon jog during actions against the International Monetary Fund and World Bank.** Prague. Czech Republic, 2000. 2000. República Tcheca. Original em arte. Fotografia. 350 x 229 pixels. 22 kb. Online. Formato jpg. Disponível em: <https://artactivism.members.gn.apc.org/photos/pinkfairy.htm>. Acesso em: 20 fev 2026.

LUDD, Ned. (org.). **Urgência das Ruas.** São Paulo: Conrad, 2002.

NOWHERE, Notes From (org.). **We Are Everywhere.** Londres. Verso. 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=YrdGcZU66vIC&lpg=PA173&ots=9xhrlbMUwA&dq=%22WE%20ARE%20EVERYWHERE%22%20AS%20WE%20WHALE&hl=pt-BR&pg=PA173#v=onepage&q=%22WE%20ARE%20EVERYWHERE%22%20AS%20WE%20WHALE&f=false>. Acesso em: 20 fev 2026.

OLIVEIRA, Igor. **Uma "Praia" nas Alterosas, uma "antena parabólica" ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte.** 246 p. Mestrado em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2012. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9V6QVY/1/disserta\\_o\\_igor\\_oliveira](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9V6QVY/1/disserta_o_igor_oliveira) .pdf. Acesso em: 20 fev 2026.

PAPO de Okupa #7: (Arte Okupa) Entrevista com Will, de Belo Horizonte. Kasa Invisível. Entrevistador: Andre Luiz G. e Silva. Entrevistado: Will. [S. l.]: 26 jan. 2023a. Podcast. Disponível em: <https://podcasters.spotify.com/pod/show/kasa-invisivel/episodes/7-Arte-Okupa---Entrevi> sta-com-o-Artista-Will--de-Belo-Horizonte-e1u2f65. Acesso em: 24 fev. 2026.

USPON. **[Okupe Tudo! - Encontro Libertário]**. 2018. Fotografia digital. Formato jpg. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/dq-pb/27994440189>. Acesso em: 10 jun. 2023.

#### Sobre o autor

André Luiz Gomes e Silva é licenciado em artes plásticas pela escola Guignard, Universidade do Estado de Minas Gerais, e mestre pelo Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) da Universidade Federal de São João del-Rei. Atua como arte educador e professor de artes em escolas públicas e privadas. É envolvido com movimentos comunitários, de ocupação urbana, autônomos e anticapitalistas, na cidade de Belo Horizonte. Atualmente mora e atua no coletivo Kasa Invisível, que gere de três imóveis ocupados na região central da cidade de Belo Horizonte.

[diretoandre@gmail.com](mailto:diretoandre@gmail.com)

<https://lattes.cnpq.br/3091110516598502>

<https://orcid.org/0009-0008-1999-5569>

Recebido em: 28-02-2026. Artigo avaliado por pares em duplo-cego e revisado editorialmente

#### Como citar

GOMES E SILVA, André Luiz. Do Zapatismo à Ação Global dos Povos: Arte e política na Ocupação Kasa Invisível. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 7 n. 1, p.275 – 289, jan. – jul. 2026. <https://doi.org/10.14393/EdA-v7-n1-2026-81543>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.